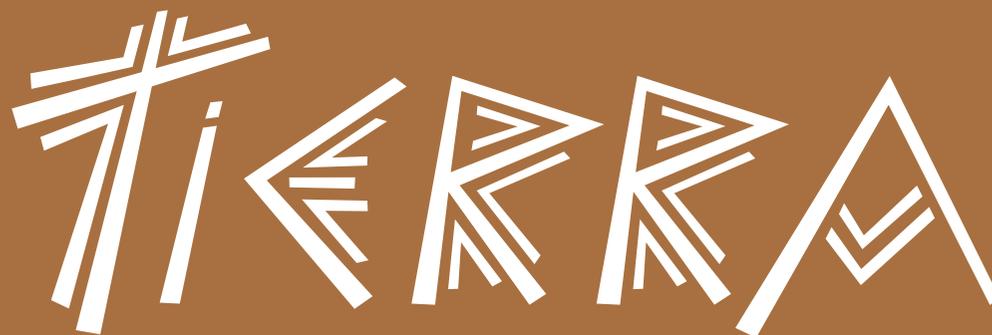




TERRA

Perceber-fazer floresta diante do Antropoceno - 2024



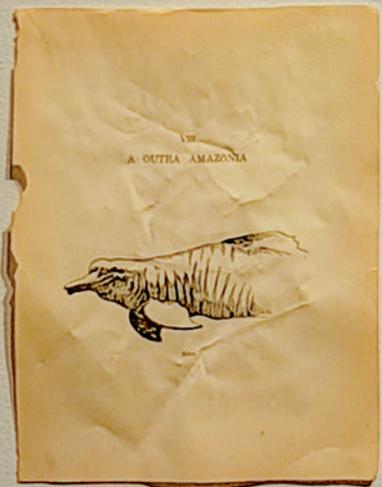
Perceber-fazer floresta diante do Antropoceno

Exposição coletiva

Curadoria: Susana Oliveira Dias

23 de maio a 21 de junho de 2024

**Galeria do Instituto de Artes da Unicamp - Gaia
Universidade Estadual de Campinas - Unicamp**





Tierra | Exposição coletiva

ARTISTAS PARTICIPANTES

Ana Claudia Martins Tomas

Atractor estudio

Gabriel Paparotti

Izabela Aleixo

Joilson da Silva Paulino Karapãna

Joilson Wakenai Tomas Paulino Karapãna

Juliana Ribeiro

Juliano Prado

Kellen Natalice Vilharva

Lilian Maus

Lazaro Santana da Silva

Maia Gattás Vargas

Manoela Paulino da Silva Karapãna

Maria Alice Paulino Karapãna

Marilda Da Silva Paulino Karapãna

Marina Guzzo

Matheus Hencklein Ponte

Odair da Silva Paulino Karapãna

Paulo Cesar Teles

Santiago Arcila

Sylvia Furegatti

Sol Terena

Susana Oliveira Dias

Valéria Scornaienchi

Victoria Martins Tomas da Silva

Zay M Pereira



Apresentação

Exposição “Tierra” propõe perceber-fazer floresta diante dos tempos de catástrofes

“Tierra” é uma proposta coletiva que busca fazer das linguagens ateliês-laboratórios de experimentação sensíveis de perceber-fazer floresta. Instalações, pinturas, performances, fotografias, esculturas, vídeos e livros-objeto propõem que diante de tempos devastadores que estamos vivendo é preciso inventar modos de viver junto que sejam afirmativos e potentes. Um viver junto que exige alianças entre diferentes modos de existir, pensar e sentir que possam nos afetar e tirar da inércia.

Parte das obras da exposição nasce da imersão realizada durante a residência artística “Perceber-fazer floresta I”, que aconteceu *online* e em Manaus e que foi proposta no âmbito da revista *ClimaCom*. Participaram da residência artística a indígena Guarani Kaiowá, bióloga e doutoranda em clínica médica na Unicamp, Kellen Natalice Vilharva, a artista e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Lilian Maus, a artista e professora da Universidade Estadual de São Paulo (Unifesp), Marina Guzzo, a artista, bióloga e pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp, Susana Dias e os artistas e professores do Instituto de Artes (IA) da Unicamp, Sylvia Furegatti e Paulo Cesar Teles.

Entre os encontros da residência artística destacam-se a visita ao experimento científico AmazonFace, coordenado pelo David Lapola do Cepagri-Unicamp, e o mergulho na vida dos povos indígenas Karapãna e Baré, proporcionados pelas lideranças Ana Claudia Martins, Maria Alice da Silva Paulino e Joilson da Silva Paulino Karapãna. A vivência na residência artística trouxe para as obras gentes, plantas, rios, entidades, torres de observação, fórmulas químicas... que ganham vidas novas através de relações cuidadosamente pensadas entre artes, ciências, filosofias e tecnologias. E as obras ganharam autoria coletiva com a participação de mais artistas: Manoela Paulino da Silva Karapãna, Odair da Silva Paulino Karapãna, Joilson Wakenai Tomas Paulino Karapãna, Lazaro Santana da Silva, da aldeia Karapãna, Izabela Aleixo, pesquisadora do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) e do projeto AmazonFace e Valéria Scornaienchi do Ateliê Serafina.

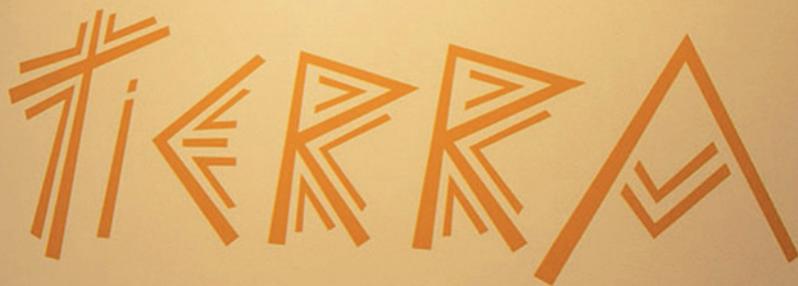
A exposição integra as ações da Rede Latino-Americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas (Rede DCMC) e, por isso, conta também com artistas estrangeiros convidados da rede: Santiago Arcila, artista e filósofo do Colectivo Otros Presentes da Colômbia e Maia Gattas Vargas, artista e professora da Universidad de Buenos Aires (UBA) na Argentina. A exposição *Tierra* é um dos resultados do trabalho da Rede DCMC que aspira a dar visibilidade às ontoepistemologias do sul, dando expressão e vida às lógicas e modos de existir que têm sido explorados pelo colonialismo e capitalismo global.

Tierra foi um projeto selecionado pelo edital de Exposições Temporárias da Galeria do Instituto de Artes da Unicamp. A proposta é parte do projeto de extensão “*Tierra: perceber-fazer floresta diante do Antropoceno*” (Faepex 145/23 - 3168/23), do projeto de pesquisa “*Perceber-fazer floresta: alianças entre artes, ciências e comunicações diante do Antropoceno*” (Fapesp 2022/05981-9) e do Tema Transversal de Comunicação do INCT Mudanças Climáticas Fase 2 (CNPq 465501/2014-1, FAPESP 2014/50848-9 e CAPES 16/2014), coordenados por Susana Dias, curadora da exposição.





Vista da exposição *Tierra*, instalada na Galeria GAIA IA Unicamp



Tierra

Adentrar uma floresta de composições vivas entre meios sensíveis e de pensamento. Esse é o convite que a *Exposição Tierra* nos faz. Com suas instalações, pinturas, performances, fotografias, esculturas, livros-objeto - dentre outros atos de criação -, *Tierra* reúne experimentações com diferentes materiais e linguagens, propondo aliar politicamente as artes, as ciências e as tecnologias. A exposição nos aproxima de práticas, procedimentos e gestos criativos que põem em xeque a divisão antropocêntrica entre o que seria próprio às ciências e o que seria próprio às artes. Quando se olha com atenção e cuidado para as práticas científicas e artísticas uma outra comunicação entre elas torna-se possível porque o que essas práticas fazem é criar relações, seja a mensuração e a taxonomia comumente atribuídas às ciências ou a imaginação e a fabulação associadas às artes. O chão da floresta amazônica, as imagens de arquivo do Parque Nacional Nahuel Huapi, as seivas da copaíba e da seringueira, as folhas do cedro, a palha do tucumã, as águas do rio Negro, o voo da ave Reinita Dorada, as altas torres de observação do programa científico Amazon Face, os conhecimentos dos povos Karapãna, Baré e Guarani Kaiowá emergem em meios coletivos de existência compondo com games, informações fitoquímicas, cosmologias, fitas de led, papel fotográfico, atmosferas, paisagens, laboratórios.

Ao visitar a exposição também podemos participar e nos engajar com esses meios, através da alteração perceptiva e sensível suscitada pelas obras, o que nos permite transitar entre escalas, perspectivas e modos de vida distintos, complexificando as relações e multiplicando as dimensões que compõem a Terra viva em nós, numa comunicação afetiva muito distinta da equivalência generalizada da indiferença e da destruição. Parte das obras da exposição nasce da imersão realizada durante a residência artística “Perceber-fazer floresta I”, que aconteceu *online* e em Manaus e que foi proposta no âmbito da revista *ClimaCom*. *Tierra* é parte do projeto de extensão “Tierra: perceber-fazer floresta diante do Antropoceno” (Faepex 145/23 - 3168/23), do projeto de pesquisa “Perceber-fazer floresta: alianças entre artes, ciências e comunicações diante do Antropoceno” (Fapesp 2022/05981-9) e do Tema Transversal de Comunicação do INCT Mudanças Climáticas Fase 2 (CNPq 465501/2014-1, FAPESP 2014/50848-9 e CAPES 16/2014), coordenados por Susana Dias, artista, bióloga, pesquisadora e curadora da exposição que, juntamente com alguns dos artistas de *Tierra*, integra a Rede Latino-Americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas.

Carolina Cantarino

Cientista social, professora da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS-IFCH) da Unicamp





Camadas do encontro - Manaus 1, Camadas do encontro - Manaus 2. Sylvia Furegatti

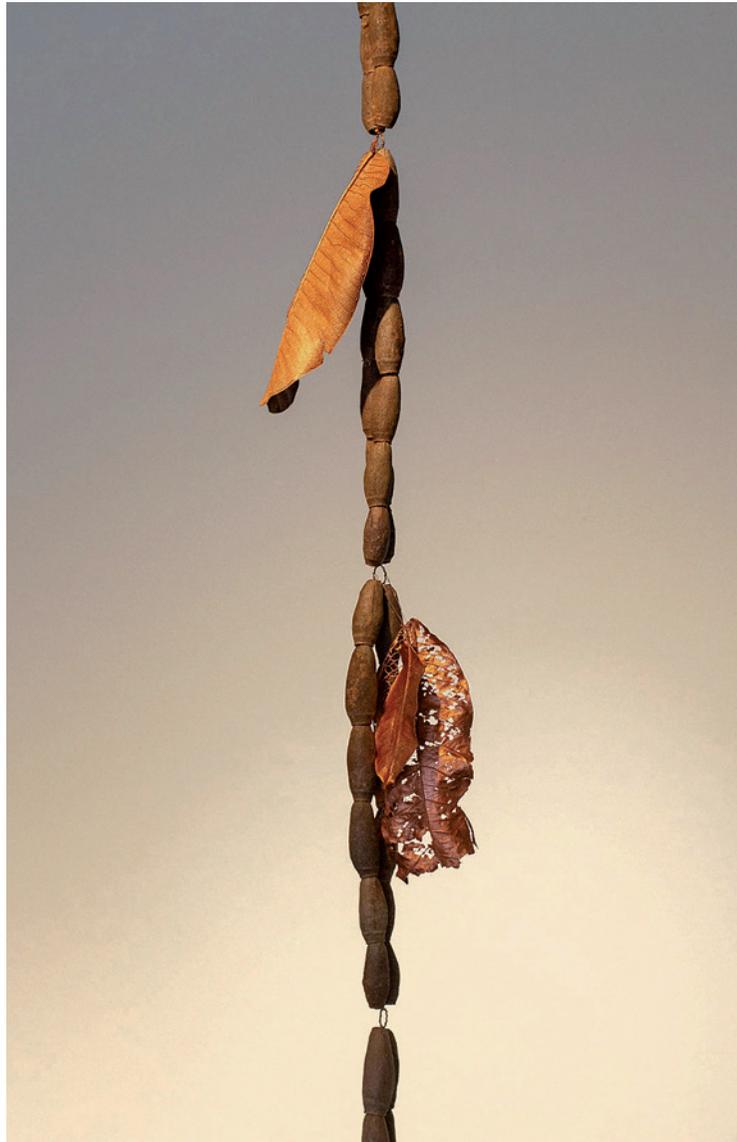
Sylvia Furegatti

Camadas do encontro – Manaus 1

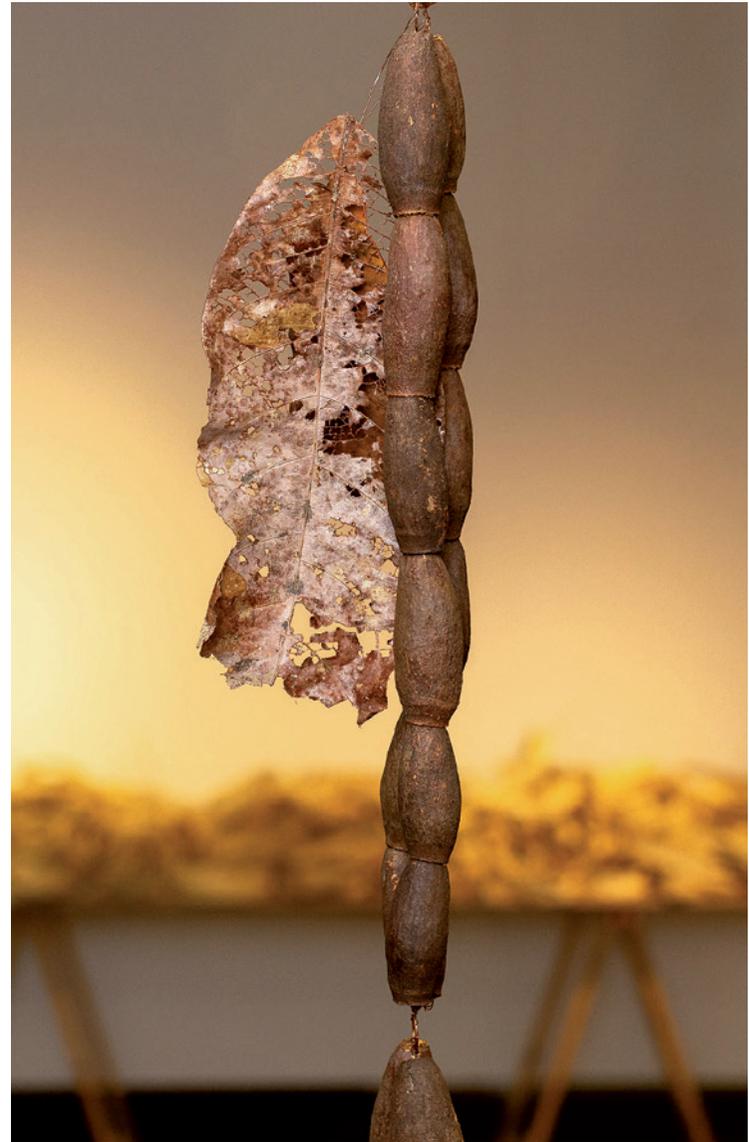
Camadas do encontro – Manaus 2

A densidade da informação que oferece a floresta na direção dos tipos, cores, significados simbólicos, medicinais ou ambientais das plantas foi muito impactante para a experiência vivida no interior da floresta Amazônica, na residência artística realizada em Manaus em 2023, que possibilitou a elaboração destes trabalhos. A incursão pela floresta ampliou a pesquisa em curso, já há alguns anos, sobre as formas, disposições e combinações espontâneas que podemos encontrar no chão tomado por folhas de plantas vivas, caídas no solo. Daí o título aplicado a esta série, da qual apresento duas imagens combinadas em diálogo. A abundância daquele manto de folhas que cobrem todo o chão da floresta é assim dificuldade e prazer para a operação artística proposta: encontrar e selecionar determinadas disposições de folhas que merecessem individualização e singularidade. Eu estava à procura desses indícios e foi assim que pude perceber que no processo da caída, do encontro entre elas no solo, dada a umidade e suas propriedades vegetais, essas folhas acabam por colar umas às outras, formando outras novas estruturas e combinações plásticas possíveis de serem reverberadas pela luminosidade muito particular da floresta que as acomodam.

Fotografia digital impressa em papel algodão e pigmento mineral, 68 x 88 cm, 2024.



Colar para vestir a sala. Sylvia Furegatti

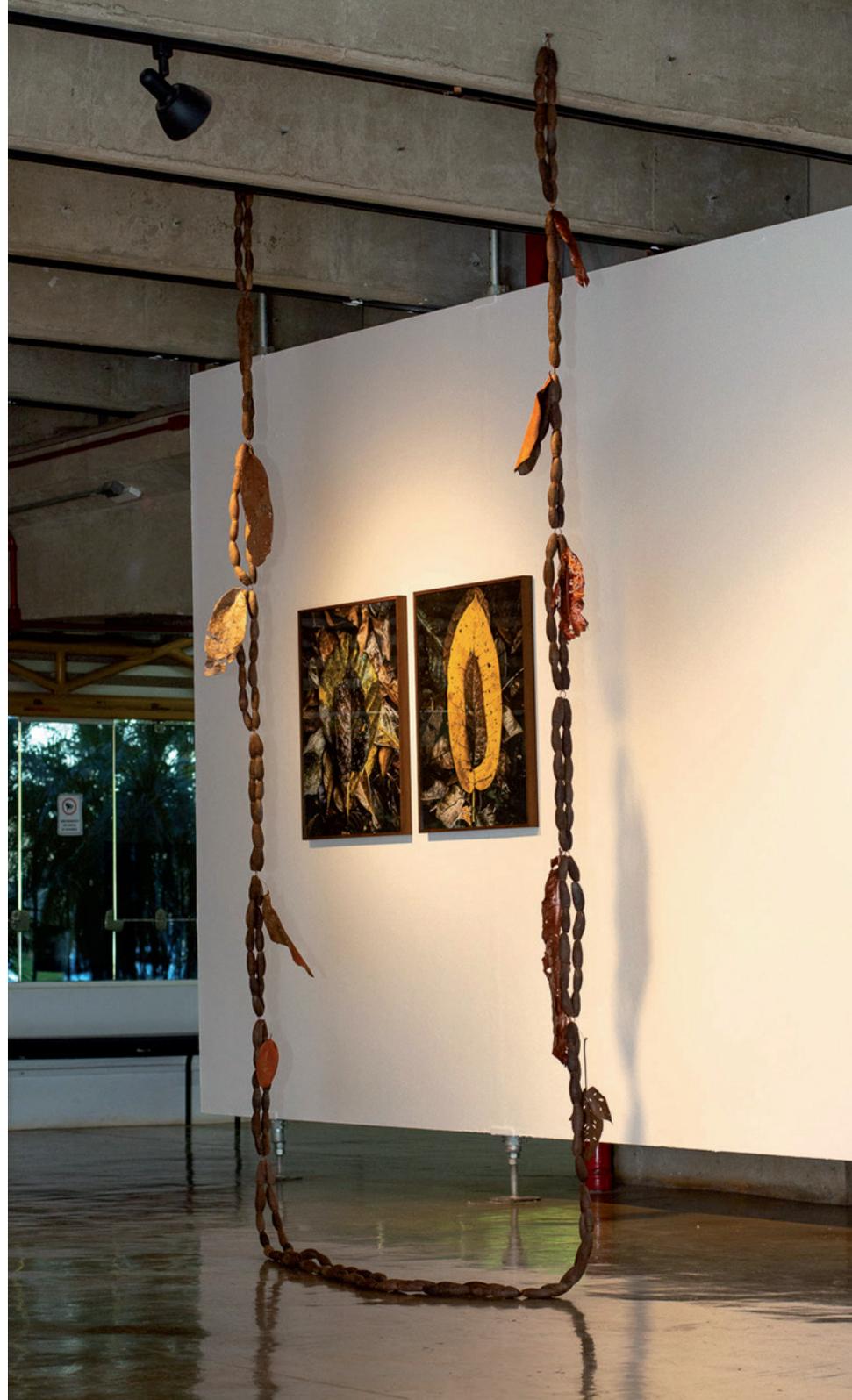


Sylvia Furegatti

Colar para vestir a sala

Em residência, o artista muitas vezes se dá conta da (im)possibilidade de carregar consigo todos os materiais que gostaria de utilizar em sua produção, no retorno para casa. A abundância de materiais, a fragilidade de alguns deles e a distância geográfica a ser percorrida exige o compromisso da seleção. Este foi o sintoma gerador dessa peça. Entre folhas trazidas da floresta Amazônica, sementes colhidas no campus, em Campinas e materiais industrializados trazidos do ateliê, é que o trabalho foi construído, na forma de uma instalação artística projetada para o espaço expositivo da galeria. O desejo é vestir o edifício com um ornamento, daí a forma do colar e a dimensão aplicadas que, ao mesmo tempo em que referendam o ambiente podem ainda adornar o corpo do visitante que se dispõe a interagir com sua forma convidativa. Trata-se assim, de uma peça que visa o encontro entre os muitos mundos que passamos a constituir a partir da viagem em residência, principalmente aquelas que nos atravessam com a imensidão da floresta.

*Sementes, folhas, fios de cobre, instalação artística,
200 x 160 x 12cm.*







Colar para vestir a sala. Sylvia Furegatti



Seyro Morotĩ - a sabedoria de uma árvore. Kellen Natálice Vilharva, Susana Oliveira Dias, Valéria Scornaienchi, Zay M Pereira e Sol Terena

Kellen Natalice Vilharva, Susana Oliveira Dias, Valéria Scornaienchi, Zay M Pereira e Sol Terena

Seyro Morotĩ – a sabedoria de uma árvore

Os povos indígenas possuem uma relação única com os seres de seus ambientes, relação que envolve respeito, cuidado, equilíbrio e aprendizado. O povo Guarani Kaiowá está localizado no estado de Mato Grosso do Sul, no centro-oeste do Brasil. Na cosmologia dos Guarani Kaiowá, existem árvores xamânicas que são importantes na medicina tradicional indígena, uma dessas árvores é o seyro morotĩ (Cedrela fissilis Vell.), um tipo de cedro, conhecido também como yary e yuyrakatingy é uma das plantas medicinais que os Guarani Kaiowá consideram sagrada e são usadas para tratar doenças físicas e espirituais. Essa espécie é usada também em rituais importantes, são os rituais de mitã karai, ritual de batismo onde as crianças recebem o nome indígena, no kunumi pepy - passagem dos meninos da adolescência para o adulto e no kuña koty - ritual de reclusão na primeira menstruação. A união de conhecimentos, como da ciência do povo indígena e a ciência da academia só tem a se aperfeiçoar quando se tem respeito e valorização de ambos. Caminhos de conhecimentos que se cruzaram e ainda se cruzam, mas que não caminham lado a lado. Assim como as árvores que se comunicam através de suas raízes e estão lado a lado, as ciências dos povos indígenas também precisam andar junto com a ciência ocidental e serem respeitadas igualmente. Meu nome indígena é Xamiĩ Hu'y Rendy, a tradução é flecha brilhante e esse nome foi me dada no meu batismo pela minha avó ñandesy Julia Veron. Eu sou bisneta, neta e filha de lideranças. Me formei em Ciências Biológicas (UEMS), sou mestra em Biologia Geral (UFGD) e doutoranda em Clínica Médica (UNICAMP). No mestrado eu comecei a pesquisar a medicina tradicional do meu povo, minha avó conhece as plantas medicinais e os porahei (reza/canto) que curam, ela sempre repassa esses conhecimentos para nós netas. Na nossa medicina tradicional nós usamos animais, plantas e porahei nos tratamentos e cuidados em saúde física e espiritual. No doutorado eu tenho pesquisado o seyro morotĩ (Cedrela fissilis Vell.), eu fiz entrevistas com os ñandesy e ñanderu para ouvir e aprender mais sobre o cedro na cosmologia Guarani Kaiowá, além disso, eu pesquisei as cascas e folhas do cedro pois são as partes utilizadas em nossa medicina tradicional. Eu investiguei a composição química das cascas e folhas, também avaliei a atividade antioxidante in vitro pelo método colorimétrico DPPH e analisei se o cedro pode ter algum efeito tóxico avaliando a atividade hemolítica.

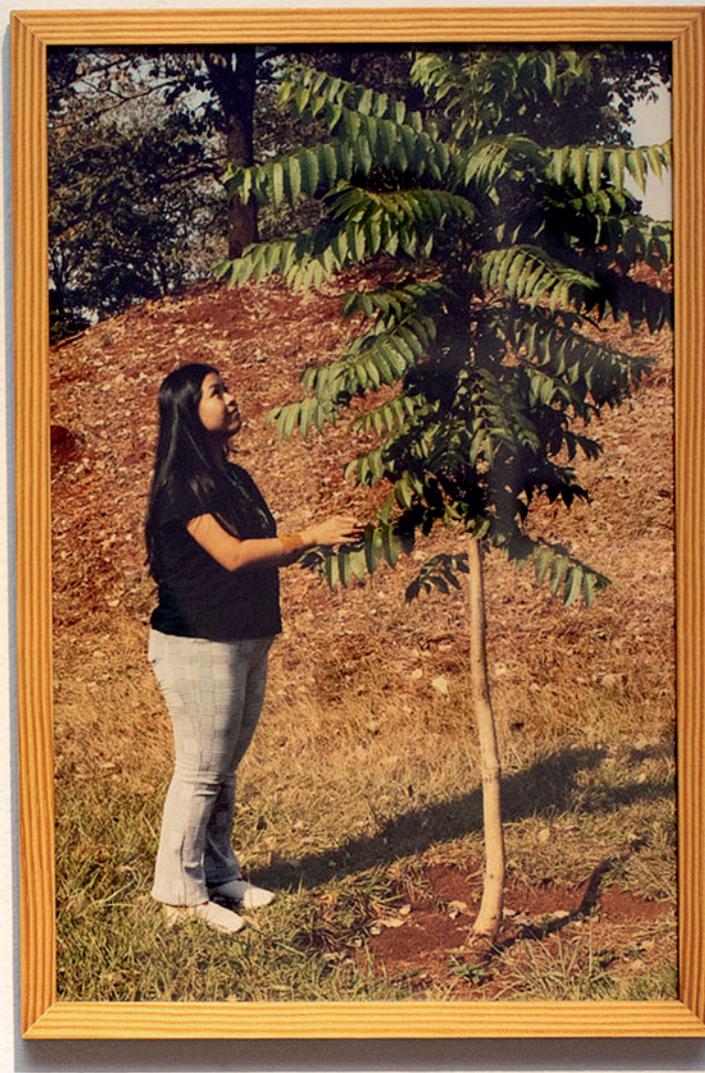
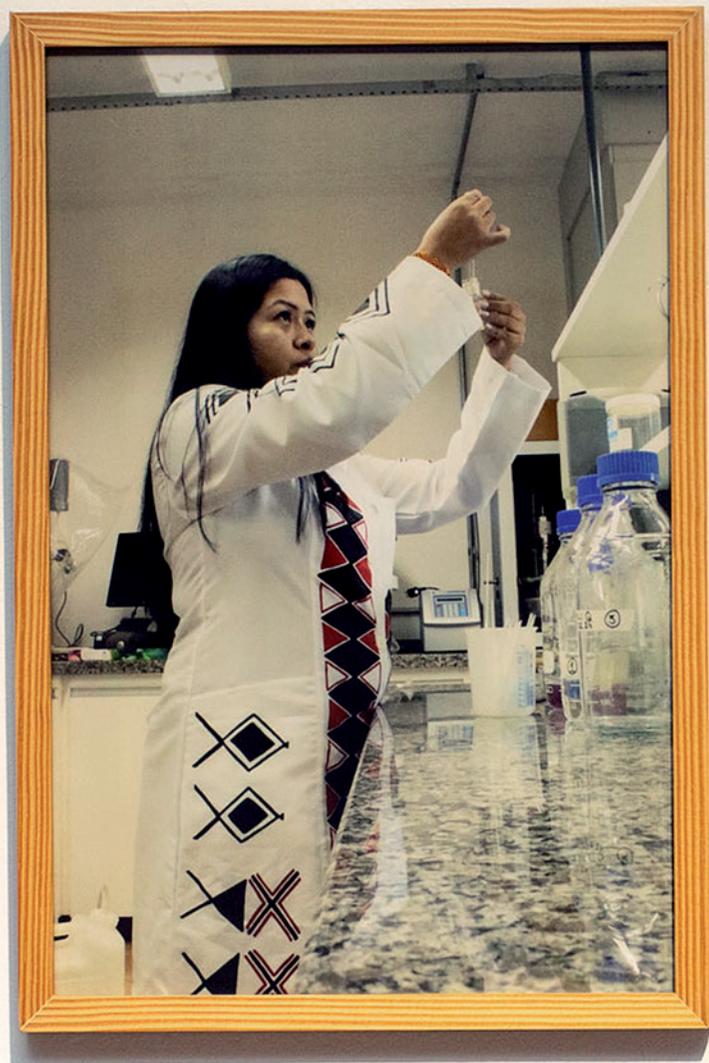
Instalação e fotografia (2024).

grafismo

Sol Terena

fotografia

Zay Pereira



Seyro Morotĩ - a sabedoria de uma árvore. Kellen Natalice Vilharva, Susana Oliveira Dias e Valéria Scornaienchi



Marina Guzzo, Joilson da Silva Paulino Karapãna, Marilda Da Silva Paulino Karapãna, Maria Alice da Silva Paulino Karapãna, Manoela Paulino da Silva Karapãna, Odair da Silva Paulino Karapãna, Joilson Wakenai Tomas Paulino Karapãna

338 Kangataras

Kangataras são adornos para a cabeça, espécie de coroas, trançadas com a palha do grelo de Tucumã. Até 2023 os dados apontam que 338 indígenas morreram por conta do Covid na região amazônica. Dentre eles estão os mais velhos da comunidade Santa Maria do Turumã Açú, em Manaus, onde indígenas Karapãna lutam para terem suas terras reconhecidas. Cada Kangatarara trançada espirala a memória viva dos saberes que permanecem apesar da dor e da violência que esse povo sofreu. Para gente nunca esquecer.

coletor do material

Lazaro Santana da Silva

imagens

Ademir Karapãna

direção, edição de vídeo, produção

Marina Guzzo Karapãna

Realizado na Comunidade Santa Maria do Turumã Açú, Manaus, 2024.



338 *Kangataras*, Marina Guzzo, Joilson da Silva Paulino Karapãna, Marilda Da Silva Paulino, Maria Alice da Silva Paulino Karapãna, Manoela Paulino da Silva Karapãna, Odair da Silva Paulino Karapãna, Joilson Wakenai Tomas Paulino Karapãna





brilhar com o rio negro, dançar com o rio negro, Marina Guzzo



Marina Guzzo

**brilhar com o rio
dançar com o rio
viver com o rio
morrer com o rio**

O olho que afunda na paisagem do rio negro que encontra a floresta. O rio que espelha o sol, que queima a pele. A pele que encosta na pele da folha. A folha que respira o tronco da terra. A terra que alimenta e gera a vida toda. A certeza do fim.

criação, imagens, edição

Marina Guzzo

Gravado no Rio Negro, em Manaus, 2023.

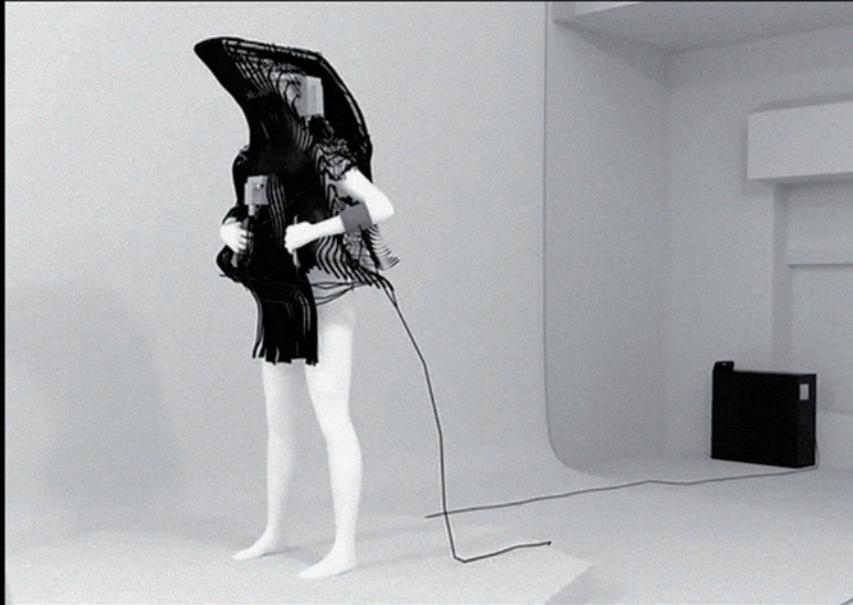


Santiago Arcila y Atractor estudio

Los Migrantes

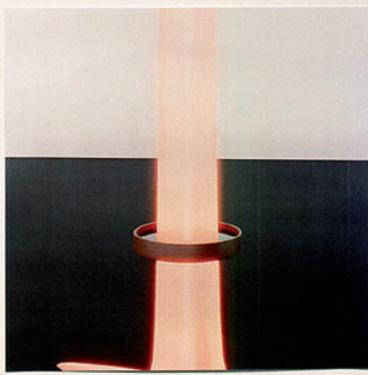
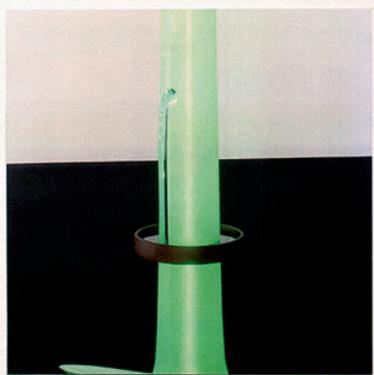
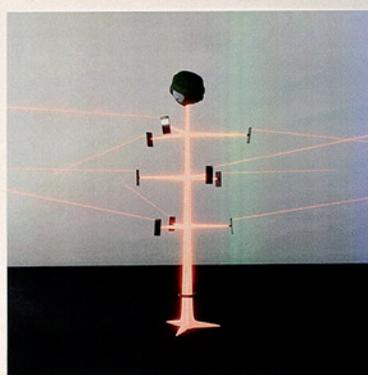
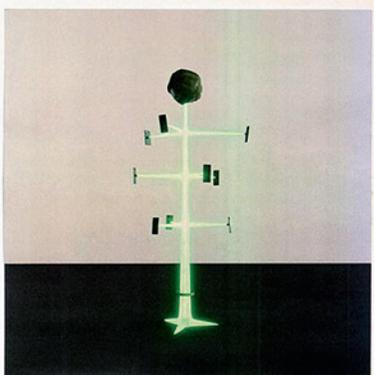
Los Migrantes es un videojuego basado en una historia real de migración de aves en 2014. Especímenes de Reinita Dorada se enfrentaron a condiciones adversas debido al calentamiento global que generó tormentas en las costas de Florida, su principal destino. Esto hizo que las aves alteráran sus rutas migratorias, viéndose obligadas a explorar un camino alternativo a través de México y Centroamérica hasta llegar a Colombia. El videojuego recupera el gesto tecnológico amerindio de adoptar el punto de vista del animal. La prótesis es el control del personaje principal del juego, que debe superar obstáculos detectando campos magnéticos y semillas con visión infrarroja. El juego problematiza las relaciones del Umwelt* con las actividades tecnológicas y políticas que contaminan el medio ambiente: muros, vallas eléctricas, antenas de comunicación y contaminación. Entender las implicaciones de la migración tiene que ver con comprender que el pájaro, en su viaje, es un dispersor de semillas, un tejedor de bosques. El ave recupera y alimenta nichos ecológicos. Este Umwelt sirve de contraste para pensar en la complejidad de las migraciones y desplazamientos masivos en el ámbito humano, que son noticia y cuyos motivos implican causas climáticas, industriales, políticas y técnicas de la forma contemporánea, pero también son desplazamientos en los que se producen tejidos culturales y comunitarios. Repensar las relaciones entre la tecnología, los mundos animales y la cultura a través del arte genera la posibilidad de imaginar nuevos escenarios y atmósferas alternativas donde la biodiversidad como producción de diferencia de la naturaleza recupere su poder en un gesto de resistencia a nuestro actual escenario global.

<https://attractor.org/los-migrantes/>





Los Migrantes, Santiago Arcila y Atractor estudio



A floresta - olha prá você,
Paulo Cesar Teles, Juliano Prado,
Matheus Hencklein Ponte
e Gabriel Papparotti

Paulo Cesar Teles, Juliano Prado, Matheus Hencklein Ponte e Gabriel Paparotti

A floresta – olha prá você

Instalação interativa composta de uma estrutura (tronco e galhos) translúcida e iluminada por dentro com fitas de led programável. No topo, uma esfera branca com capuz de tecido verde e uma mini-câmera de reconhecimento facial nela anexada. Na base, próximo à raiz, um sistema de circulação de líquido (mini cascata) a base da água e óleo de copaíba. Nas pontas dos galhos, esculturas semelhantes a “smartphones” com telas espelhadas e miras a laser na parte superior. Um sistema de som embutido (alarme) também compõe a obra. A esfera encapuzada, com a câmera de vigilância, gira lentamente de um lado para outro (360o. - -360o.). Nesta situação, o tronco e os galhos irradiam luz verde e, em sua base, o sistema de água escorre o líquido da copaíba ininterruptamente. Ao detectar e reconhecer um rosto humano que olhou para cima, a esfera para imediatamente de girar, o líquido para de fluir, o tronco e os galhos passam a irradiar movimentos de luzes vermelhas e alaranjadas, as miras a laser acendem e o “alarme soa”. Após 20 segundos, tudo volta ao estado inicial. A obra busca recordar uma experiência de imersão ocorrida na Floresta Amazônica, na região de Manaus, na qual o pajé Edson Baré nos apresentou uma árvore, no caso a Copaíba (*Copaifera langsdorffii*), cuja extração da sua seiva exigia que não se olhasse para o topo da árvore. Caso contrário, a seiva deixa de fluir por um tempo. Esta “vigilância” da floresta vem aqui dialogar com os atuais sistemas de vigia e coleta de dados, que permeiam nosso ecossistema urbano e antropocênico, buscando revelar um pouco mais acerca da dimensão supra- humana do ato de observar.

desenvolvimento da programação responsiva e interativa

Matheus Hencklein Ponte

maquete eletrônica e construção da escultura

Gabriel Paparotti



Políptico Leite da Floresta e Autorretrato Floresta, Lilian Maus

Lilian Maus

Políptico Leite da Floresta e Autorretrato Floresta

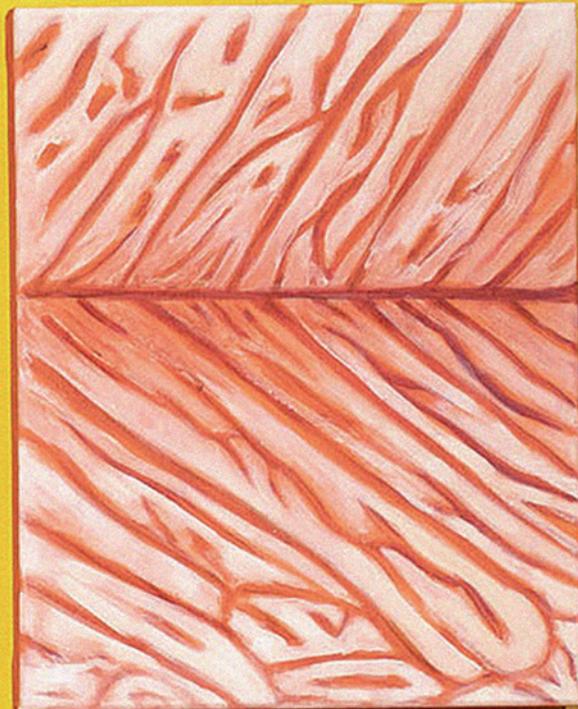
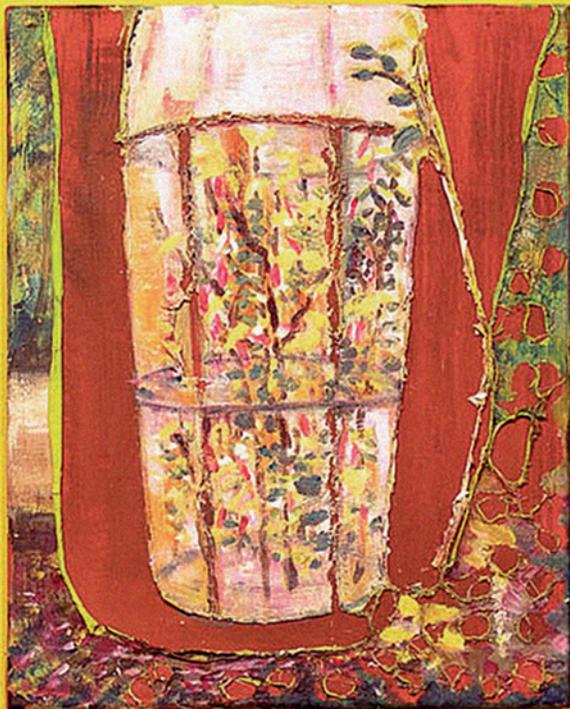
As obras foram criadas a partir da residência Perceber-Fazer-Floresta, em Manaus. Uma das experiências mais marcantes que tive foi a visita ao Museu do Seringal, no Igarapé São João, onde o doce ex-seringueiro Sr. Jaime nos recebeu, contando preciosas histórias e demonstrando diversas técnicas, uma riqueza que não caberia em um livro. Foi a partir da reflexão sobre o látex como o leite da floresta e inúmeras analogias que se pode fazer da seiva com o sangue humano que surge este trabalho, em que desenvolvo uma nova técnica em pintura, criando uma espécie de pele ou carne sobre a superfície da tela. Vale lembrar que a borracha foi das últimas culturas extrativistas no norte do país e o ciclo, tanto em seu ápice como em seu declínio, causou forte impacto econômico e social na região. Hoje a maior produção de látex se dá no noroeste do estado de São Paulo, em monoculturas. Atualmente há um movimento de retomada de extração da borracha na mata, de modo extrativista, para também auxiliar a manutenção da floresta com estímulo ao cultivo artesanal. As imagens representadas nas pinturas foram realizadas a partir de trocas com a cientista Izabela Aleixo, do projeto Amazon Face, que também visitamos. O projeto executa câmaras de topo aberto e altas torres de observação da mata para observar seu comportamento após o lançamento de CO₂. Tudo isso para prever o que as mudanças climáticas resguardam para a floresta. As referências para os trabalhos são imagens de microscópio do grupo de pesquisa, representando as estruturas anatômicas das folhas coletadas na mata, fotos do banco de imagens do projeto, bem como fotografias autorais da estação e também imagens mentais, produzidas a partir de fabulações.

Políptico Leite da Floresta, 2024

Pintura acrílica e látex sobre tela 41x33cm (cada uma das 12 telas)

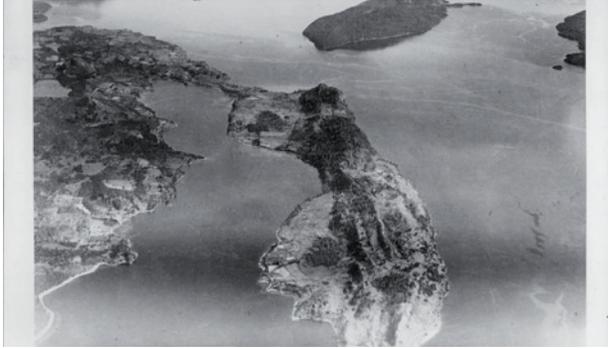
Autorretrato Floresta, 2024

Pintura acrílica e látex sobre tela 90x66cm



*Políptico Leite da Floresta e
Autorretrato Floresta, Lillian Maus*





Taxonomía de la desmesura: laboratorio Isla Victoria, Maia Gattás Vargas

Maia Gattás Vargas

**Taxonomía de la desmesura:
laboratorio Isla Victoria**

Tres días de viaje a la Isla Victoria del Parque Nacional Nahuel Huapi llevan a una investigadora a escribir un diario, allí reflexiona sobre la historia de esta isla como laboratorio a cielo abierto de experimentación con plantas y animales. El relato se va abismando poéticamente y termina en un herbario, entrevistando a un dibujante científico que reflexiona sobre la representación científica de la naturaleza.

Video monocal, 11 min. (2018).





*Káa Wasú, Ana Claudia
Martins Tomas, Kellen
Natalice Vilharva, Izabela
Aleixo, Juliana Ribeiro,
Maria Alice Paulino, Susana
Oliveira Dias, Valéria
Scornaienchi e Victoria
Martins Tomas da Silva*

Ana Claudia Martins Tomas, Kellen Natalice Vilharva, Izabela Aleixo, Juliana Ribeiro, Maria Alice Paulino, Susana Oliveira Dias, Valéria Scornaienchi e Victoria Martins Tomas da Silva

Káa Wasú

Káa Wasú, floresta na língua nheengatu, é um livro-objeto escultórico que se abre e ergue como um chamado a dar atenção aos modos de existir das plantas entrelaçadas aos povos indígenas. Em uma pequena parcela circular de serapilheira de 2.5 metros de comprimento, coletada no Centro Cultural Casarão, de dentro da capa de 3 livros, nascem em papel reciclado Tucumã, Copáiba e Cedro-Rosa, palmeira e árvores escolhidas por indígenas dos povos Karapãna, Baré e Guarani Kaiowá. O corpo de cada palmeira e árvore, que sai do chão até o teto, é composto por diferentes trançados que mesclam fotografias e grafismos desses povos. Os corpos entrelaçados das árvores remetem a moléculas e informações fitoquímicas dessas plantas. Em um painel lateral, podemos conhecer detalhes de como cada uma participa da vida e cosmovisão dos povos Karapãna, Baré e Guarani Kaiowá. Acessamos, também, um método de estudo da floresta, o método das parcelas, utilizado pelos pesquisadores do projeto Amazon Face para estudar a Amazônia. As árvores emergem como seres que dão a ver as artes, ciências e filosofias dos Karapãna, Baré e Guarani Kaiowá e que nos convidam a um engajamento sensível e cuidadoso com a floresta.

Livro-objeto (2024).

capa

Claudia Santa Rosa



Káa Wasú, Ana Claudia Martins Tomas, Kellen Natalice Vilharva, Izabela Aleixo, Juliana Ribeiro, Maria Alice Paulino, Susana Oliveira Dias, Valéria Scornaienchi e Victoria Martins Tomas da Silva

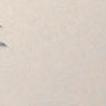


"Nesta obra nos inspiramos no método das parcelas ecológicas criado pelo programa de pesquisa científica ABRASIS/ACE para estudar a floresta. Atualmente elas consistem em parcelas circulares de 30 metros de diâmetro, o que corresponde a uma área de 706,0m² por parcela em uma área de floresta maturna na Amazônia central, onde são monitoradas importantes processos ecológicos em uma escala fina de avaliação. Têm-se parcelas sob condições infestações do solo, das plantas e de outros organismos, como insetos, fungos e microorganismos. Pesquisadores avaliam em campo, a dinâmica da profundidade de diferentes componentes da floresta, como folhas, madeira, material orgânico e raízes. A relação do solo e do tronco, fotossíntese e concentração de nutrientes laminares são foco das pesquisas, para entender os mecanismos de funcionamento de uma floresta hiperdiversa, que está em constante mudança devido ao aumento do CO2 atmosférico."



Copaíba - Povo Baré

"A Copaíba sempre foi muito importante para os povos indígenas e, especialmente, para o povo Baré. Nós sempre usamos os óleos da Copaíba como anti-inflamatório e para a cicatrização. Usamos, também, para afastar os mosquitos e para gripe. Minha mãe sempre disse que, por ser amarga, a Copaíba ajuda a resistir ao afetar os mosquitos. Quando a pessoa está gripada nós misturamos copaíba, mel e andiroba, ervinhas no óleo e enfiamos no garganta da criança para ela parar vomitar e fazer gripes que foi ela tossir. A Copaíba é, para nós, um remédio fundamental e o óleo dessa planta é retirado de um tubo que é cravado nos troncos de árvores. Mas tem um mistério ligado à Copaíba de outro lado muito na floresta até, automaticamente, quando o óleo do óleo não desce e a gente não consegue tirar. A Copaíba tem sido muito usada pelos antepassados para fazer remédios e cosméticos em grande escala, o que ficou em risco sua existência e dos povos indígenas. Temos que fazer algo para que ela não entre em extinção para que a gente possa se manter com saúde" (Claudia Baré, liderança indígena Baré, moradora em linguística no Uxá, Uruçatã)



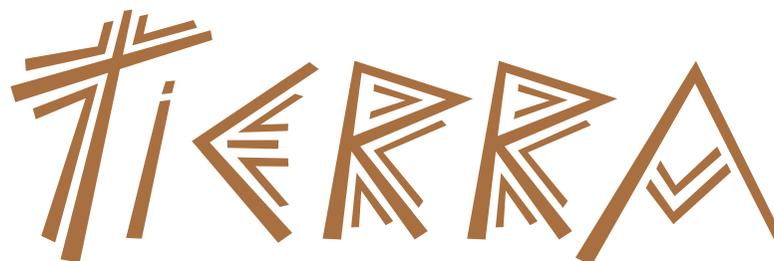
Tucumã - Povo Karajá

"Um palmeira bem alta, de aproximadamente 15 metros, com o tronco cheio de espinhos. Quando ela brota já tem espinhos. Sua galhada é usada no preparo do Tucumbano. Quando a palmeira do Tucumã está jovem, nós Karajá tiramos o leite para fazer os pratos, que são usados para abater o feijão, virar o feijão e como bandeja. O leite do Tucumã é um líquido do Centro de Ciências e Saberes Karajá. O avô do Manuel Paulo faz diariamente esse prato quando estava vivo e até sendo eu trocava os pratos por alimentos para nosso povo. Seu tronco é cruco e eu nunca vi um moído de alho que igual a esse. Usamos a palha do Tucumã para fazer bonequinhos e cestos, e usamos as sementes para fazer colares. Nós crescemos nos alimentando de seus frutos. Seus frutos são muito saborosos e têm cores amarela, verde e clara. Tem muitas grandes e pequenas e nós crescemos quando está maduro. O povo Karajá tem uma ligação muito forte e de conhecimento com essas palmeiras" (Marta Alice Paulino, liderança indígena Karajá)





Vista da exposição Tierra, instalada na Galeria GAIA IA Unicamp



RODA DE CONVERSA, OFICINA E PALESTRA

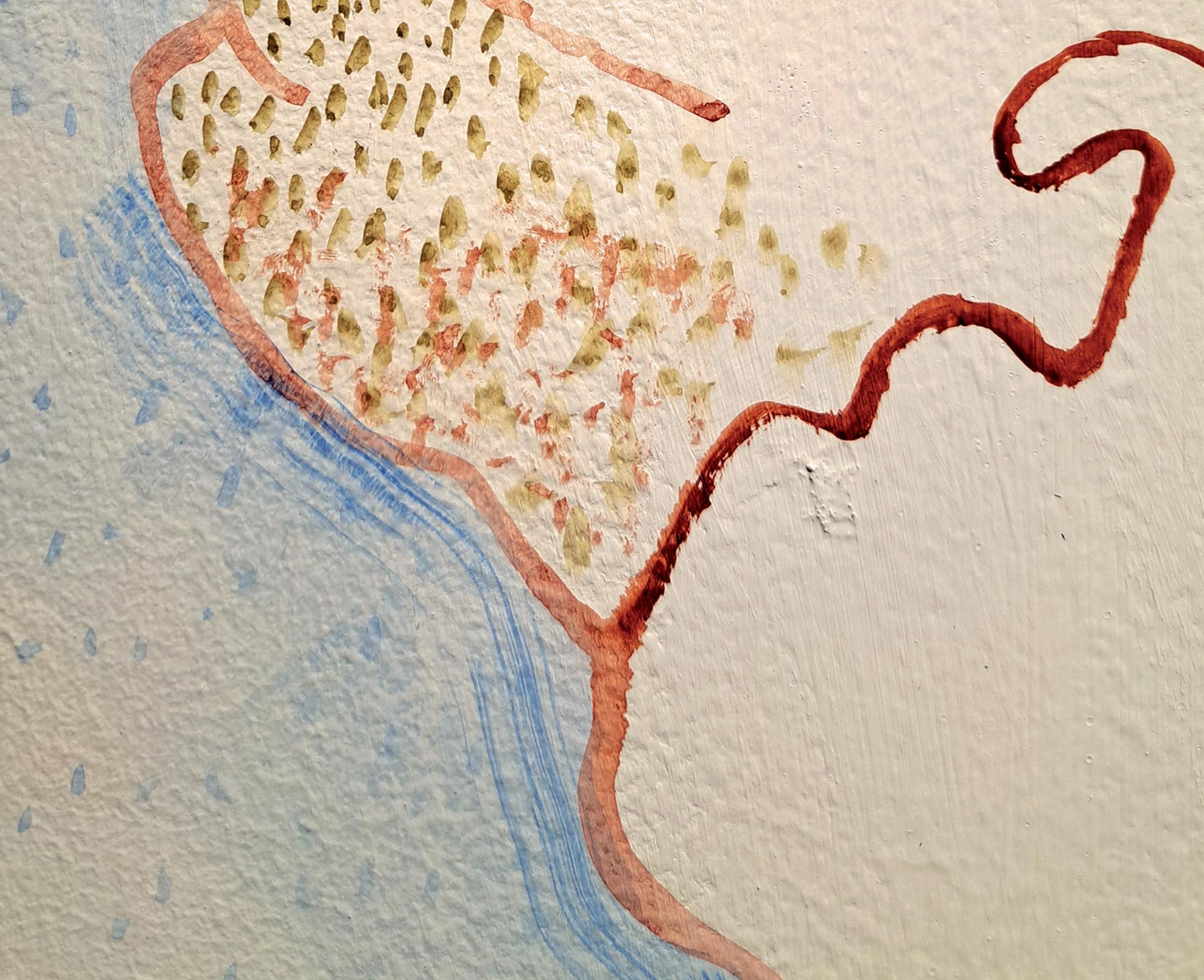
Roda de conversa com Ana Claudia Martins, Carolina Cantarino, Izabela Aleixo, Kellen Vilharva, Lilian Maus, Maria Alice Paulino de Souza, Marina Guzzo, Santiago Arcila, Susana Dias, Sylvia Furegatti e Paulo Telles

Oficina com Claudia Baré

Palestra e conversa com Eduardo Mario Menciondo
(engenheiro hídrico da USP e do INCT Mudanças Climáticas - Fase 2)







Ficha Técnica

Exposição “Tierra: perceber-fazer floresta diante do Antropoceno”

23 de maio a 21 de junho de 2024

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor)
Instituto de Artes (IA)
Galeria do Instituto de Artes da Unicamp - Gaia

Apoio Institucional

Unifesp
UFRGS
Universidad de Buenos Aires (UBA)
Coletivo Otros Presentes
Atractor Studio

Curadoria

Susana Dias

Expografia

Sylvia Furegatti

Fotografia

João Carlos de Souza Megale - Seção de Programação Visual e Programação do Instituto de Artes da Unicamp - PROVCOM IA
Larissa Belini, Jayne Mayrink e Susana Dias - Labjor-Unicamp
Zay M Pereira

Filmagem

André Luís Teixeira Fernandes

Montagem

Walkiria Pompermayer Morini (coordenação geral)
Rosângela Ribeiro de Oliveira (apoio montagem)
Claudenir Ferreira Machado (apoio montagem e iluminação)

Divulgação

GAIA, PROVCOM, Revista ClimaCom

Bolsistas BAS da Gaia

Amanda Quinto de Lima; Gabriela Cardoso Lengoski; Kaylane Gabrielle Moreira de Sousa; Laura Cristina Gonçalves; Pablo Felipe Acelino

Equipe de apoio Labjor

Emanuelly Miranda (coordenação de produção), Larissa Bellini, Tayna Gonçalves, Leo Arantes Lazzerini, Jayne Oliveira Mayrink (produção)

Palestras

Maria Alice Paulino (Karapãna)
Kellen Natalice Vilharva (Guarani Kaiowá)
Eduardo Mario Mendiondo (INCT Mudanças Climáticas Fase 2)

Oficina

Ana Claudia Martins Tomas (Claudia Baré)

Abertura da Roda de Conversa

Sérgio Niculitcheff (coordenador da GAIA)

Organização do catálogo

Susana Dias e Sylvia Furegatti

Design gráfico da exposição

PROVCOM IA Unicamp

Design gráfico do catálogo e diagramação

Fernanda Cristina Martins Pestana

Site

<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/tierra/>

“Tierra: perceber-fazer floresta diante do Antropoceno” (Faepex 145/23 – 3168/23), do projeto de pesquisa “Perceber-fazer floresta: alianças entre artes, ciências e comunicações diante do Antropoceno” (Fapesp 2022/05981-9) e do Tema Transversal de Comunicação do INCT Mudanças Climáticas Fase 2 (CNPq 465501/2014-1, FAPESP 2014/50848-9 e CAPES 16/2014).

Financiamento



Realização



Copyright © 2024 by organizadoras

Elaboração da ficha catalográfica

Silvia Regina Shiroma
(Bibliotecária)

Realização

Instituto de Artes – Universidade Estadual de
Campinas

Catálogo na Publicação (CIP)
Biblioteca do Instituto de Artes – UNICAMP

T444 Tierra: perceber, fazer-floresta diante do Antropoceno / organizadoras: Susana
Dias e Sylvia Furegatti – Campinas, SP: UNICAMP / Instituto de Artes, 2024.
48 p. : il.

ISBN: 978-65-87175-59-1

1. Arte contemporânea. 2. Arte e natureza. 3. Antropoceno. I. Dias, Susana
(Org.). II. Furegatti, Sylvia (Org.). III. Título.

CDD – 709.05
700.46

Bibliotecária: Silvia Regina Shiroma – CRB-8ª/8180

Publicação impressa – Brasil

1ª edição – 2024

ISBN: 978-65-87175-59-1

MUSEU DO
SERINGAL

KARAPANI
PARQUE DAS
TRIBOS

RESERVA

Financiamento



Realização

